

Dignidade e direitos da pessoa humana – pesquisa da visão antropológica e teológica no pensamento dos sábios ao longo da história

Dignity and rights of the human person – investigation of the anthropological and theological vision in the thought of wise people throughout history

Dignidad y derechos de la persona humana – investigación de la visión antropológica y teológica en el pensamiento de los sabios a lo largo de la historia

Augusto A. Mezzomo*

RESUMO: Dignidade e direitos do homem são conceitos que atravessam os séculos. Sábios do mundo da filosofia, da antropologia e da teologia proclamaram e defenderam em suas obras. Coletivamente foram consolidados pela sociedade civil internacionalmente por Declarações. A Igreja Católica, em seus Documentos pontifícios, sempre foi paladina. A Sagrada Escritura oferece o fundamento teológico.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos. Antropologia. Teologia.

ABSTRACT: Dignity and human rights are concepts that cross the centuries. Wise people of the world of philosophy, anthropology and theology have proclaimed and defended them in their works. In a collective way, they have been consolidated by international civil society by means of Declarations. The Catholic Church, in its Pontifical Documents, has always been the champion of these concepts. The Holy Scripture offers the theological foundation.

KEYWORDS: Human Rights. Anthropology. Theology.

RESUMEN: Dignidad y derechos del hombre son conceptos que atraviesan los siglos. Sabios del mundo de la filosofía, de la antropología y de la teología los han proclamado y defendido en sus obras. De manera colectiva, han sido consolidados por la sociedad civil internacionalmente por medio de Declaraciones. La Iglesia Católica, en sus Documentos pontifícios, siempre ha sido un paladín. La Sagrada Escritura ofrece el fundamento teológico.

PALABRAS-LLAVE: Derechos Humanos. Antropología. Teología.

INTRODUÇÃO

O presente título tem uma abrangência enciclopédica. O espaço disponível permite apenas uma síntese do tema, percorrendo os autores considerados mais expressivos. Não se faz referência às Declarações da sociedade civil internacional, nem aos Documentos da Igreja Católica, embora extraordinariamente ricos e preciosos na área. Os textos da Sagrada Escritura, embora fundamentais, só serão tomados como citação dos autores. Cada um desses setores apresentam conteúdos amplos e abrangentes que merecem um tratado à parte.

Pessoa humana

Pessoa humana é um tema que foi e continuará sendo objeto de estudos, preocupações e interesse por parte de filósofos, antropólogos, psicólogos, médicos e teólogos que desejam conhecer a si próprios e ao próximo como indivíduo e membro da sociedade.

Percorrendo a história do saber e os pronunciamentos da sociedade internacional, depara-se com o pensar de filósofos, teólogos e demais pensadores sérios (ou pelo menos bem intencionados) que manifestaram seu ponto de vista e conceitos a respeito do homem segundo a própria cultura e o fizeram de maneiras muito diversas e até

* Filósofo. Teólogo. Administrador hospitalar. Doutor em Teologia Pastoral Sanitária (Humanização hospitalar: fundamentos filosóficos, antropológicos e teológicos). Mestre em Teologia Pastoral Sanitária (Dignidade e direitos da pessoa enferma). Especialização em Sociologia, Administração Hospitalar e Gestão Universitária. E-mail: a.mezzomo@yahoo.com.br

contrastantes, por vezes exaltando-o até a transcendência e outras reduzindo-o à mera expressão de alguma de suas potencialidades.

A sociedade civil internacional se expressa em suas Declarações Oficiais compartilhadas pelas nações. A Igreja Católica tem pronunciamentos admiráveis extraídos dos documentos pontifícios, sempre iluminados pelo conteúdo das Sagradas Escrituras e pelo saber profundo de seus assessores.

O presente trabalho oferece um percurso histórico limitado por essas áreas do saber.

Quem é o homem?

Responder essa pergunta é um grande desafio para as mentes, por mais brilhantes e cultas que sejam. O próprio biólogo e prêmio Nobel Alexis Carrel, a esse respeito escreveu um livro com o sugestivo título “O Homem esse desconhecido”, verdade que continua incontestável apesar dos grandes e maravilhosos progressos da ciência e da técnica nos últimos tempos.

No quarto século, Agostinho de Hipona retoma o pensamento de Platão e vai muito além na tentativa de explicar o ser humano na sua complexidade. Entre suas tantas obras, basta lembrar: *Confissões*, *Soliloquios* e *A Cidade de Deus*.

Dando um salto na história do pensamento humano, chegando ao final da Idade Média, Tomás de Aquino analisa e acolhe, em parte, o pensamento de Aristóteles sobre o homem para conhecê-lo e revelá-lo de modo mais profundo e amplo. A metafísica e a teologia enfatizam suas dimensões transcendentais.

A visão dominante na época era teocêntrica, ou seja, Deus como o centro da realidade. O Renascimento posterior insiste sobre o antropomorfismo. Para aquela visão filosófica, o homem é o centro de tudo.

Quem é então o homem? Essa pergunta parece, pelo menos aparentemente, muito simples porque se refere a cada um de nós, realidade física, sensível e pensante, que habita num pequeno corpo celeste chamado Terra, onde nasce, vive, se reproduz e morre na dimensão tempo, espaço e matéria. Entretanto, o tema é extremamente árduo e difícil pela complexidade que apresenta um ser a um tempo físico, psíquico e espiritual, capaz de operações mentais extraordinárias que a ciência, apesar de toda a sua evolução, tem dificuldade para explicar.

O homem foi, é e continuará sendo uma maravilha sempre mais admirável e um mistério indecifrável.

No passado longínquo, conceitos e explicações, às vezes meras hipóteses, foram imaginadas e defendidas com ardor e convicções profundas pelos filósofos gregos, como Sócrates, Platão e Aristóteles. No final da Idade Média, Anselmo, Tomás de Aquino, Dum Scotto, Boaventura e tantos outros trouxeram a luz da teologia para interpretar e definir o homem. Em tempos mais recentes, Renè Descartes, Hegel, Auguste Comte. Vieram depois os existencialistas, marxistas, neopositivistas, estruturalistas, com referimentos materialistas, não sempre coerentes e acordes entre si, que ofereceram outras contribuições dentro da filosofia. Freud, por sua vez, com a psiquiatria, procurou interpretar o comportamento humano, sobretudo quando se refere à afetividade, por meio da libido.

Todo esse pensar e essas elucubrações mentais, apesar do avanço das ciências e da técnica, não conseguiram dar uma explicação definitiva e unânime sobre a verdadeira origem do homem, o sentido da vida e seu destino.

Dada a complexidade da questão, procura-se encontrar luz sobre “o mistério homem”, com a visão da filosofia, num percurso histórico no tempo, considerando, sobretudo, a reflexão da antropologia cultural e as manifestações individuais de pensadores. Seria útil percorrer o pensamento expresso nas Declarações da sociedade civil internacional, nos Documentos oficiais da Igreja Católica pela densidade de seus conteúdos e nos textos da Sagrada Escritura pelo respeito que merece por parte de quantos a estudam com seriedade.

A ciência e a técnica atingiram níveis altíssimos de conhecimento, impensáveis até em passado recente. Apesar disso, o homem continua a interrogar-se com renovada insistência sobre acontecimentos desagradáveis que o afetam, como a doença, o sofrimento e a morte, sobre a possibilidade de realizar um projeto de vida para o qual valha a pena empenhar a vida.

É importante tomar consciência que a resposta a esses dramáticos e cruciais interrogativos não pode ser buscada apenas no mundo da ciência e da técnica, que atingem a esfera da matéria, nem mesmo na pura filosofia como campo do conhecimento racional, é imprescindível elevar-se ao nível da teologia, que considera o homem como realidade que transcende o universo físico, fisiológico, endócrino e empírico.

Quando, além da luz da ciência empírica, se aplicam os recursos da metafísica, do transcendente e da teologia, então se atinge o topo da montanha e se descobre:

- que o homem é um projeto maravilhoso e inteligente, impossível de explicar;
- que o homem é um valor absoluto, porém não subsistente por si e autônomo;
- que é livre, mas deve ser reponsável pelos seus atos para o bem da sociedade na qual vive;
- que tem, em Deus, um criador, seu ponto Alfa e Ômega, seu princípio e seu fim, sua origem e seu destino;
- que n'Ele e somente n'Ele encontra o sentido de sua vida e de todos os acontecimentos que acompanham a sua existência terrena, humana e social;
- que o homem é destinado a sobreviver e ultrapassar as categorias matéria, tempo e espaço.

DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

Conceito de dignidade

Dignidade é uma das palavras mais usadas nos últimos decênios. A ela se refere o falar comum das pessoas, do mundo médico, da saúde, da bioética, dos documentos oficiais da sociedade civil internacional, do mundo político e social. A palavra dignidade aparece continuamente nas intervenções da Igreja. Isso porque, para ela, a pessoa humana ultrapassa as dimensões da biofísica, da psicologia, da política, do social e da filosofia racionalista. A sua reflexão supera os limites da razão humana, aventura-se no âmbito do espírito, do transcendente e chega a Deus.

Para enfrentar o tema da dignidade da pessoa é necessário esclarecer o que se entende dizer com essa palavra.

A multiplicidade de perguntas que se pode fazer para isso revela quanto é amplo e complexo o tema, por exemplo: o que significa; em que consiste; no que se fundamenta; quem a define; quem a assegura; a quem é assegurada; a partir de quando e até quando na vida; sob quais condições; quais são os seus limites; pode ser perdida; pode ser tirada.

As mesmas perguntas podem ser feitas a respeito dos direitos humanos. Para cada pergunta poderia ser desenvolvido um tratado. Sobre o caso, limita-se a algumas considerações adequadas à economia do presente trabalho.

Encontra-se um significado primário, como: nobreza, valor, excelência, admiração, reconhecimento público; é sempre referente a alguém ou a alguma coisa: a quem vem atribuído valor especial; que é digno, honesto, justo; que merece respeito; que desempenha função importante.

Na linguagem corrente, dignidade admite uma graduação: indigno, pouco digno, digno, bastante digno, muito digno, digníssimo. Essa graduação pode ser atribuída também ao ser humano? Depende do conceito que se tem de pessoa.

A Igreja fala muito de dignidade sacerdotal, episcopal e pontifical aludindo à função e missão, sobretudo da dignidade da pessoa como ser humano. Ela se refere a algo interno que diz respeito à própria natureza humana, acima de qualquer outra circunstância social, cultural, econômica ou mesmo religiosa.

O fundamento da dignidade no sentido cristão parte da natureza, da origem e destino do homem.

A sociedade secularizada ignora a origem e a natureza ontológica do homem como fonte da dignidade e dirige sua atenção para a igualdade do ser humano e para outras características suas. Essa dignidade, apesar de ser entendida dentro do âmbito do imanente, serviu de fundamento para a declaração universal dos direitos humanos.

Cada ser humano, mesmo dentro dos limites tempo matéria e espaço, que o tornam precário, finito e mortal, possui uma dignidade absoluta e irrenunciável, é sempre um fim e não um meio para ser desfrutado e comercializado como foi no passado e infelizmente ainda é no presente.

O Pensamento dos filósofos sobre a dignidade do homem

Feitas as reflexões precedentes, parte-se para uma verificação de como foi considerada a dignidade do homem pelos sábios ao longo da história.

Para efeito de elucidar o presente tema, serão tomados alguns pensamentos dos filósofos que se referiram ao assunto. Apresenta-se apenas a tradução em português.

Protágoras (480-410 a.C.) emitiu um conceito que ficou na história e outros o assumiram, como foi o caso de Aristóteles^a. “*O homem é a medida de todas as coisas, as que são enquanto o são e as que não são enquanto não o são*” (frase 1). O homem é o centro de tudo; eis o fundamento do antropomorfismo que será retomado com intensidade no mundo contemporâneo e moderno e pelo Renascimento. Na verdade anuncia um aspecto da dignidade do homem, aceitável dentro de uma mentalidade reducionista da pessoa.

Platão (427-347 a.C.) distingue no homem a dualidade corpo e alma. Esta segundo ele é a realidade superior e está radicada no divino. Apresenta assim o homem com uma dignidade porque uma de suas partes é radicada e fundamentada na divindade.

a. De anima, III, 4, 1-5.

Aristóteles (384-322 a.C.) assegura a dignidade do homem definindo-o como: “*Um ser com alma e dotado de razão, capaz de conhecer e elevar-se ao eterno e divino*”^b.

“*Quando é plenamente homem transcende a si mesmo e penetra o modo de ser divino e desta forma se imortaliza*”^c.

A antropologia aristotélica faz uma referência ao divino no homem: O *proprium*, o essencial do homem, é o transcendente e por isso se reveste de especial dignidade.

Epícuro (341-270 a.C.) considera o homem como ser social e de relações, sendo isso que traz felicidade e afirma: “*A coisa mais importante com a qual a sabedoria enriquece o homem para tornar a vida realmente feliz é acumular amigos*”^d.

Agostinho de Hipona (354-430) não elabora um tratado sobre o homem e sua dignidade, mas esse é um tema transversal em suas obras, como Confissões, Solilóquios e A Cidade de Deus. Ele afirma entre outras coisas: “*O homem é um intermediário entre os brutos e os anjos*”^e. Agostinho diz que o que distingue o homem das demais criaturas e o torna mais digno é o intelecto. Nisso supera todas as criaturas: “*pela imagem de Deus. Onde está a imagem de Deus no homem? Na mente, no entendimento*”^f.

No seu livro *Confissões*, encantado com a tríplice capacidade do homem, exclama: “*Desejo que se exercitem, comprovem e sintam quanto diferentes são essas três coisas: ser, conhecer e querer; em realidade sou, conheço e quero. Sou um ser que sabe e quer, e sabe de querer; eu desejo ser e desejo saber e tenho consciência disso. Nestas três coisas, entenda-o quem puder, que visão inseparável existe, é uma vida é uma mente, é uma essência e por fim, que diversidade inseparável porém diversidade real. Pense, olhe-me e fale*”^g.

Platão definia o homem como um composto de corpo e alma. Agostinho apresenta um terceiro elemento intermediário, o espírito. Ele distingue ainda outra tríade: “*a inteligência, a memória e a vontade, como potencialidades distintas. Recordo porque tenho memória, inteligência e vontade; desejo e recordo; quero desejar, entender e recordar, e recordar ao mesmo tempo toda a minha memória, a minha inteligência e a vontade*”^h.

O ser que é portador dessa tríplice potencialidade possui sem dúvida dignidade.

Tomás de Aquino (1225-1274) uma figura monumental para o mundo da filosofia, da antropologia e da teologia, só comparável a Agostinho de Hipona. Suas obras projetam muita luz para o saber humano através dos séculos e ainda hoje continuam iluminando.

Ele assim define a pessoa: “*Pessoa é o que de mais perfeito existe em toda a natureza*”ⁱ. Esse conceito por certo lhe confere o máximo de dignidade possível.

Mestre Eckhart (1260-1328) desenvolve o pensamento de Tomás de Aquino e de Boaventura. Segundo ele o homem possui duas espécies de natureza: corpo e alma.

Júlio Marias^j recorda duas considerações de Eckhart: “*Existe na alma do homem algo no qual Deus vive e alguma coisa graças à qual a alma vive em Deus. Quando a alma é separada do corpo, este morre mas a alma continua a viver*”. “*Na alma existem duas forças independentes do corpo que agem acima do tempo, a razão e a verdade*”.

Erasmus de Rotterdam (1469-1536), grande humanista, vai além da especulação filosófica. Sua antropologia focaliza o “homem integral” que oscila entre a matéria e o espírito, entre o mundo de Deus e a vida fácil da indiferença. Segundo Erasmo, o homem é composto de alma que é quase divina e de corpo que é como um animal vazio. “Segundo a alma somos de tal forma elevados que nos torna capazes da divindade, tendo sido criados para gozá-la, superar os espíritos angélicos e tornar-nos semelhantes a Deus”^k.

René Descartes (1596-1650) defende a dignidade do homem admitindo sua imortalidade. “Há uma enorme diferença entre corpo e espírito, o corpo por sua natureza é sempre divisível e o espírito é inteiramente indivisível”^l. “Todas as coisas não podem existir se não forem criadas por Deus. São por sua natureza incorruptíveis e não podem cessar de existir”^m.

Descartes admite que Deus criou o homem e o fez à sua imagem. É admirável que um homem de ciência fale

b. De anima, III, 4, 1-5.

c. Ética a Nicômaco, 10, 11.77, a 12.

d. Sentença 27 ap. Diog, 148, p. 77ss.

e. 4 De Civitate Dei, IX, 13.

f. In Joannis evangelium tractatus, III, 4.

g. Confessiones, XIII, II.

h. De Trinitate, I, II.

i. Summa teologica, I, q. 29, a3.

j. O Tema do homem, Sao Paulo, 1975, p. 135.

k. Enchiridium, cap. IV.

l. Meditationes, 7.

m. Meditationes de prima philosophia.

assim: “Não é de estranhar que Deus ao me criar tenha posto em mim essa idéia de Deus para que seja como o carimbo que o artista estampa na sua obra e me tenha feito à sua semelhança com a mesma faculdade que conheço a mim mesmo, que a minha natureza não poderia ser o que é, ou seja, que eu não poderia ter em mim mesmo a idéia de Deus, se Deus não existisse realmente”ⁿ.

Blaise Pascal (1623-1662) defende a dignidade do homem porque é um ser que pensa. “O homem foi feito para pensar. Nisto consiste toda a sua dignidade e todo o seu mérito. Todo o seu dever consiste em pensar como se deve”^o. Assim se exprime porque o pensar não provém do corpo e sim do espírito, e se no homem existe o espírito isso o qualifica como um ser superior.

Immanuel Kant (1724-1804) ao referir-se à personalidade o faz em admirável forma poética: “Duas coisas encham o ânimo de admiração e respeito (...) o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim. A lei moral engrandece infinitamente meu valor como inteligência, através da minha personalidade, na qual a lei moral descobre uma vida moral independentemente da animalidade e ainda de todo o mundo sensível, porque a existência não é condicionamento ou limitação desta vida, e que vai ao infinito”^p.

O grande filósofo evidencia, com essas palavras, a especial dignidade que reveste a pessoa com essas características. Quem traz dentro de si a lei moral se transfere para um nível superior como ser vivo, sua dimensão supera a esfera da matéria. Essa dignidade deve ser reconhecida e defendida por todos.

Alphonse Gratry (1805-1872) recorda a Sagrada Escritura que afirma ser o “homem imagem e semelhança de Deus”^q. Ele afirma: “A nossa alma é o templo, o lugar da contemplação, o centro onde Deus vive em nós, é o santuário”^r.

Admitir e proclamar isso não só significa ser um humano, mas o reconhece como criatura portadora de especial dignidade, o homem como templo, santuário e morada de Deus.

Autotranscendência

O que significa essa dimensão do homem? Por transcendência entende-se superar, ir além, ultrapassar, superar

todos os outros seres vivos no que se refere à capacidade: de trabalhar, sendo capaz de produzir arte, como a pintura, a escultura, a música; de praticar esporte das mais diversas categorias; de liberdade, podendo decidir fazer ou não fazer livremente, amar ou odiar, ficar sentado ou em pé etc., enquanto os demais vivos o fazem apenas por instinto; da palavra, pois o homem possui uma linguagem racional, escreve o que pensa, comunica-se de formas diversas. Admite-se que também os outros vivos tenham uma forma de comunicar-se por meio de sons inteligíveis para a espécie, mas permanece em um nível muito simples; da técnica, uma vez que o homem constrói obras grandiosas que pressupõem inteligência, como pontes, torres, edifícios, catedrais, complexos industriais, naves espaciais etc. enquanto os animais, as aves e os insetos apenas seus ninhos ou habitat; do pensamento, porque o homem é capaz de pensar, refletir e recordar.

Por que pois o homem busca transcender a si mesmo? O que indica essa inquietude?

A autotranscendência é um dado conatural, um constitutivo fundador e evidente. Pode ser entendido como uma expressão da alma no seu desejo de imortalidade e de não conformidade com a sua finitude pela morte física; é uma aspiração para uma vida futura e não para um vazio ou um aniquilamento.

Karl Rahner ilustra muito bem esse conceito quando escreve: “A essência da criatura espiritual consiste nisso, o supraessencial, o que a transcende, é o elemento que lhe confere estabilidade, significado, futuro e movimento último de forma tal porém, a existência da criatura espiritual, o que lhe pertence como tal, não resulta por isso diminuída, mas exatamente adquire seu último valor e consistência e progride”^s.

A inclinação ao transcendente faz o homem sair do individualismo egoísta e o impulsiona favoravelmente não só em direção ao “outro de si”, mas também em direção ao “Outro” mais alto, que, segundo Agostinho de Hipona, sempre atrai o homem. Ao Outro que sempre o quis de modo especial, que o criou, o quer inserido em si de forma definitiva após a ressurreição. Deus é aquele poderoso e sobrenatural imã que atrai fortemente o homem para si, sem violência, no respeito à sua liberdade e o homem admiravelmente o deseja, como assegura Agos-

n. *Meditationes de prima philosophia*.

o. *Sentença*, 210.

p. *Crítica da razão prática*, parte 1, lib. II, cap. IV.

q. Gn 1,26-27.

r. *Do conhecimento da alma* livro III, cap. II.

s. *Compimento trascendente e immanente del mondo*. In “*Nuovi Saggi*”, Paoline, Roma 1969, p. 679.

tinho de Hipona: “O coração do homem estará sempre inquieto enquanto não repousar em Deus”^t.

Radhakrishnan escreveu: “A singularidade do homem (...) consiste nisto, que nele a natureza procura superar conscientemente os seus limites, não mais através de uma atividade automática ou inconsciente mas através do esforço mental e espiritual”^u.

O autor faz referência à alma imortal e à espiritualidade, como evidencia o texto seguinte: “O verdadeiro humanismo ensina que existe no homem algo que gera a idéia e o pensamento, uma presença espiritual mais sutil que o torna insatisfeito com suas conquistas puramente terrenas. A condição ordinária do homem não é a sua essência íntima, existe nele um ‘si’ mais profundo, chama-se sopro vital, espírito, alma ou mente. Em cada ser se alberga uma luz que nenhuma potência pode extinguir, um espírito imortal, benigno e tolerante, um testemunho silencioso no íntimo de seu coração”^v.

A pesquisa feita no pensamento humano, porquanto, diz respeito à visão do homem no âmbito da antropologia, fenomenologia, metafísica e teologia, assegura as credenciais necessárias para fazer emergir a extraordinária singularidade do homem. A metafísica levando-o à transcendência demonstrou a racionalidade e a autotranscendência e estas indicam as condições necessárias para a presença de um fator – uma potencialidade ou substância superior à matéria – que consentem ao homem cumprir atos, manifestar e desenvolver atividades próprias de um ser espiritual. A isso sempre se deu o nome de alma.

O conceito de pessoa atingiu seu nível máximo com a encarnação de Jesus que se fez homem, ou seja, tornou-se pessoa humana, dessa forma a dignificou e a sacralizou.

Boécio elaborou uma definição de pessoa que permaneceu nos séculos: “Pessoa é uma substância individual de natureza racional”^w.

Tomás de Aquino a definiu de forma semelhante: “Pessoa significa o que é perfeitíssimo, o que há de mais perfeito em toda a natureza, o subsistente de uma natureza racional”^x.

Descartes concebeu uma definição reducionista, pois reduz o homem a uma de suas potencialidades, a racionali-

dade ou a autoconsciência, com a famosa frase: “Penso, portanto existo”. Não resta dúvida que a capacidade de pensar, e possuir autoconsciência nobilita o homem, porém existem nele outras potencialidades igualmente importantes, como, por exemplo, poderia dizer: ando por isso existo, falo por isso existo, sou feliz ou estou com raiva por isso existo e assim por diante. A mim causa espécie que sua frase tenha tido tanto sucesso para expressar a sua filosofia^y.

Marcel, outro expoente do personalismo, pensa que a pessoa humana não possa ser estudada só a partir dos dados da ciência empírica, que são úteis para a dimensão física, mas deixa as outras manifestações e potencialidades do homem sem resposta, na escuridão do mistério^z.

Mounier faz ver a autonomia e a complementariedade corpo/espírito afirmando: “O homem é um ser encarnado não como uma alma ou espírito embutido num corpo físico, mas como pessoa humana em seu agir. O homem é corpo exatamente como é espírito; integralmente corpo como é integralmente espírito”^{aa}.

Depois de tantas considerações, pode-se e é oportuno fazer uma breve síntese. O tema “homem/pessoa” é amplo, maravilhoso e complexo que seria possível compor uma grande enciclopédia só para falar dele.

O homem pessoa apresenta-se ainda hoje como problema não resolvido e permanece como mistério indecifrado. Nem tudo é negativo; pode-se apreciar e admirar: o que os sábios do maravilhoso mundo da ciência afirmaram; o que foi revelado pela antropologia; o que a especulação filosófica trouxe à reflexão ao longo de dois milênios e mais, iluminados pelo Espírito Santo, o que conseguiram trazer à luz os teólogos.

A visão teológica não só confirma o que de mais elevado, surpreendente e maravilhoso escreveram os sapientes do pensamento filosófico, mas o superam e o levam à transcendência, ao divino.

O divino, Deus, fazendo-se homem: “divinizou o homem; ele o havia criado à sua imagem e semelhança”^{ab}. Ele o criou para si e o quer consigo pela eternidade, o que ocorrerá para cada homem, uma vez concluída a sua peregrinação na dimensão da matéria, tempo e espaço.

t. Confissões, 1 Pl 32, 661.

u. Religioni orientali e pensiero occidentale, Bompiani, Milano, 1966, p. 45.

v. Idem, ibidem, p. 34.

w. Contra Eutichen et Nestorium C, 4.

x. Summa Theologica, I, 9.19 a 3.

y. Discours de la methode, IV parte.

z. Discours de la methode, IV parte.

aa. Journal methaphysique, Gallimard, Paris, 1927, p. 138.

ab. Filipenses, 2,27.

Essa última reflexão não é um dado, uma descoberta ou o fruto de uma pesquisa da mente humana, mas o dom de uma revelação que o homem na sua inteligência pode colher, mesmo sem conseguir entender em profundidade.

Pode-se concluir o discurso sobre a pessoa com esta reflexão: a pessoa é um princípio de autonomia, de comunicação e de transcendência.

DIREITOS DO HOMEM

Feitas as considerações precedentes sobre a dignidade do homem, torna-se fácil concluir que ela gera direitos, e disso são exemplo as Declarações e demais documentos da sociedade civil internacional e os Pronunciamentos da Igreja Católica em seu magistério.

Para maior clareza, seguem algumas precisões sobre as diferentes abrangências do termo direito, segundo os adjetivos que o acompanham, assim: direitos inatos ou inerentes são direitos que resultam do fato de ser pessoa e não porque lhe são concedidos por alguém; direitos absolutos são os que têm fundamento e não são contingentes ou relativos; direitos gerais são os que obrigam a todos e pertencem a todos; direitos básicos e originários indicam um caráter fundador, que não derivam de outros direitos.

Conceber direitos humanos como uma expressão jurídica da dignidade humana leva à unidade de origem, ou seja, são todos aspectos da única dignidade que possui fundamento ontológico.

A dignidade parte do ser humano como sujeito, como pessoa na sua dimensão imanente e transcendente e ainda como sujeito pela sua dimensão biológica, psicológica e espiritual, que são características essenciais.

O valor essencial da dignidade comporta para todos os seres humanos e para a sociedade dois deveres: responsabilidade e solidariedade perante todo ser humano. Esse suscita admiração e encanto. Ele é o fundamento ético para a sociedade humana, assegura todo o direito, independentemente das circunstâncias da vida que o circunda.

Um conceito claro da dignidade essencial, imanente e transcendente possibilita abrir um diálogo com as diferentes correntes da ética contemporânea sobre os direitos humanos.

A dignidade da pessoa e, por consequência, seus direitos não são reconhecidos de forma igual por todos, dada a diferença na concepção antropológica e a recusa de sua dimensão transcendente, para não falar da referência a Deus

como criador. Apesar disso, todos encontram no ser humano tal dignidade que os levam a reconhecer amplos direitos.

O homem sendo por natureza um ser social, somente no social se realiza; só na sociedade encontra o reconhecimento de seus direitos. A confirmar isso estão as múltiplas Declarações da sociedade civil internacional e da Igreja em seus pronunciamentos.

A convivência social impõe deveres, mas reconhece direitos.

Existem direitos assegurados em nível universal, como a “Declaração universal dos direitos do homem”, proclamada em 1948 pela Organização das Nações Unidas.

Depois da tragédia da segunda guerra mundial, 1939-1945, chegou-se à conclusão de que o progresso de cada povo e a paz só se consegue no respeito e na observância dos direitos fundamentais da pessoa humana e da sua liberdade.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos consta: Art. 1º “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em direitos e dignidade”. Art. 2º “A cada indivíduo competem todos os direitos (...) sem distinção alguma (...) ou de outras condições”.

Fala-se de todos os indivíduos e veta-se qualquer marginalização, também por causa da doença.

Em 1979, foi aprovada pela Comunidade Europeia “A Carta dos Doentes”, a qual declama:

“O direito do doente à assistência religiosa segundo o próprio credo”.

João Paulo II, em 14 de março de 1986, no Hospital S. Carlos, em Nancy, afirmou: “Deus ama quem é pobre e doente, enquanto o homem é tentado a considerar digna de ser vivida só a vida que produz e transforma o mundo, a que é eficiente”. Se toda a vida é digna, a ela devem ser reconhecidos direitos, conforme define a Declaração Universal.

CONCLUSÃO

Considerada a extraordinária dignidade reconhecida à pessoa humana pela comunidade internacional, leiga e religiosa, seus direitos são uma decorrência lógica e um dever para todos promover e defender.

Se alguém desejar se aprofundar, na tese de doutorado “Humanização hospitalar, fundamentos antropológicos e teológicos”, do autor Città Nuova, Roma, 2008, há referência a 36 Documentos da sociedade civil internacional, 24 Documentos da Igreja e de 15 livros da Bíblia sobre a dignidade e os direitos da pessoa humana.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Tomás de Aquino. Summa teologica, 1, q. 29, a. 3.
Tomás de Aquino. Summa teologica, 1, 9.19. a. 3.
Aristóteles. De anima, III, 4, 1-5.
Aristóteles. Ética a Nicômaco, 10. 11.77, a. 12.
Pascal B. Sentenza 21o.
Boécio. Contra Eutichem et Nestorium. C. 4.
Descartes R. Meditationes, 7.
Descartes R. Meditationes de prima philosophia.
Descartes R. Discours de la methode, IV parte.
Epicuro. Sentenza. 27 ap. Diog. 148 p. 77ss.
Gratry A. Do Conhecimento da alma. livro III, cap. 2, 1.
Agostinho de Hipona. Confessiones, 13, II.
Agostinho de Hipona. De Trinitate, 1, II.
Agostinho de Hipona. In Joannes Evangelium tractatus, III, 4.
Kant I. Critica da razão prática. Parte 1, lib. II, cap. IV.
Rahner K. Comportamento transcendente e immanente del mondo. In Nuovi Saggi, Paoline, Roma; 1967.
Marías J. O Tema do Homem. São Paulo; 1975. p. 135.
Moisés. Gênesis, 1, 26-27.
Mounier J. Journal methaphysique. Gallimard: Paris; 1927. IV parte.
Paulo de Tarso. Filipenses, 2,2.
Radhakrishnan. Religioni orientali e occidentali. Bompiani, Milano; 1966.
Erasmus de Rotterdam. Enchiridium. cap. IV.
-

Recebido em: 2 de fevereiro de 2011.
Versão atualizada: 9 de março de 2011.
Aprovado em: 29 de março de 2011.